

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº85 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

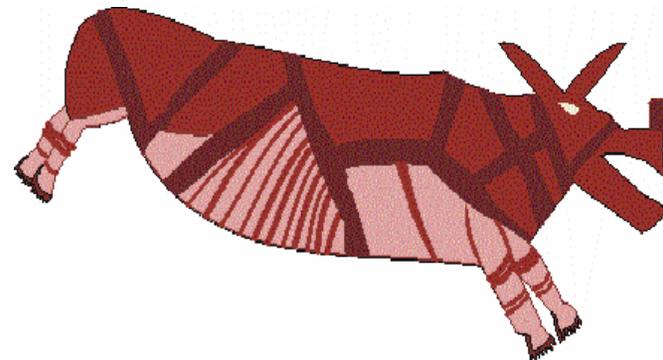
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

85



APONTAMENTOS SOBRE LITERATURA

ALBERTO LINS CALDAS



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História – UFRO
caldas@unir.br - www.unir.br/~caldas/Alberto

APONTAMENTOS SOBRE LITERATURA

"A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela." Lima Barreto

1 - As tradicionais inversões ("a realidade é sonho" / o "mundo das idéias" como arquétipo / deuses criando mundo e homem / deuses anteriores aos homens / "mundos paralelos" / a "existência precede a essência" / a matéria e seu movimento cria o universo / energia e matéria antecedendo o cosmos / *mythos* sendo substituído por *logos*) revelam o funcionamento da virtualidade em sua dimensão de holograma social reificado, projeção do entre-nós para um além-de-nós; e o próprio "poder" desse holograma se personaliza num poder estranho (um algo-aí).

O criado por nós, como fluxo vivo do entre-nós, escapa se tornando realidade (sem essa operação para-nós não haveria mundo), natureza, divindade, mundo dos sonhos, mundo do além, *mysterium tremendum*. Linguagem esquecida que é linguagem; práxis esquecida que é *poiésis*; ficção esquecida que é ficção; entre-nós vivenciado como além-de-nós, voltando como um para-nós; interpretação desgarrada como Religião, Ciência, Filosofia, técnica, verdade (o esquecimento da interpretação); a necessária duplicação escapando ao ser como interpretação e resultado da *poiésis* da práxis (os binarismos primários subjetivismo-objetivismo / realismo-idealismo esquecidos que são interpretação, projetos, teoria, e não o-real-mesmo).

O alheamento fundamental acontece independentemente do "modo de produção" (conceito esquecido que é conceito): é "condição de existência": único modo desse "ser", dessa "existência": a linguagem (práxis-*poiésis*: real-imaginário) reificada como entes, cosmo, comunidade é categoria eixo da **cultura**: aparecendo como exterioridade, a linguagem funda aqueles tipos do "viver humano".

Ao criar a virtualidade como princípio e resultante dessa alienação básica, podemos agir numa exterioridade não somente humana ou humanizada mas numa exterioridade controlada (reconhecível enquanto código, signo, conhecimento, cartografia), onde a possibilidade de sobrevivência aumenta fundada numa rede viva de relações materializadas enquanto realidade. E esta exterioridade não vem do mundo para o ser-social, mas se desdobra virtualmente da comunidade (in-visível), e esse se desdobrar (sempre e necessariamente reificado) é a realidade, a exterioridade, a natureza: que voltará como exterioridade em-si, como conhecimento sobre a exterioridade: conhecimento duplamente alienado: desconhece que seu objeto é fruto do movimento comunitário e que ele mesmo, com seus inescapáveis paradigmas (universalização/naturalização), provém não somente da força do próprio desdobramento que cria o real, mas da força de ocultamento desse desdobramento (somente a linguagem poderia se materializar e se flexibilizar a ponto de desaparecer deixando uma exterioridade-em-si).

2 - O mundo e os conhecimentos sobre o mundo se fundam num mesmo movimento criativo e alienado ao mesmo tempo (sempre útil, mas esquecido, e se esquecendo, torna-se um dos próprios fundamentos do existir, sua "substância"). A criação e expansão da Ciência não somente "corresponde" ao crescimento do capitalismo mas fazem os dois parte de um mesmo processo-projeto reificado: esquecimentos essenciais tanto para a "vida social" quanto para a verdade do conhecimento (que mesmo mudando existe como uma verdade, um espelho do mundo, um reflexo do ser-aí).

O real é um conjunto de esquecimentos que possibilitam o "mundo do trabalho", as redes vivas de signos que tornam o caos uma cartografia; a Ciência é um conjunto sistemático de esquecimentos que criam, no capitalismo, tanto a materialidade industrial quanto as autoridades competentes e os caminhos corretos e verdadeiros, numa substituição patética por uma das opções objetivas das dicotomias simplórias do "nosso mundo".

3 - Vivemos num universo essencialmente monetário: todas as lógicas, todas as formas, todos os fluxos, todos os conhecimentos, todas as dimensões, todas as temporalidades, todos os deveres, todas as linguagens, todas as subjetividades, todos os corpos, todos os poderes devem obedecer, seguir, se espelhar no monetário para não haver fissuras, não haver desnecessários "falsos espelhamentos" (o saber e o viver devem coincidir com o real para que seja considerado verdadeiro: antes de tudo deve coincidir com o movimento fundamental de criação da própria comunidade que cria-o-real-sem-saber: a sedução dos realismos e da própria Ciência).

"Nosso universo" se constrói, se vê, se projeta e funciona somente enquanto imagem e movimento da sua própria atividade; as exterioridades e todas as possíveis interioridades seguem este princípio: o objetivo, o subjetivo e seus conhecimentos se constituem antes de serem nos devires vivos da comunidade e só aparecem quando devidamente cristalizados.

Ver isto é um malabarismo dentro da própria ontologia monetária (fissuras entre contradições), permitida somente por ela: seu quadro de forças exige, inclusive, as maiores e mais perigosas contradições para seu movimento, para sua reprodução: nada é perigoso ao "sistema": o perigo é uma criação do próprio "sistema" como condição ou da sua reprodução ou para a solução dos seus entupimentos: os devires criam os ácidos para o desentupimento: esses ácidos, naturalmente, passada sua função, devem voltar a defender e reproduzir o "sistema" na lógica e nos meios do próprio "sistema": o sistema é monetário, logo, Físico, Biológico, Social, Histórico, Informacional (noções inseparáveis).

O universo monetário não se funda sobre o "teórico", sobre o "subjetivo", sobre o "imaginário", mas sobre o empírico, o utilitário: sua natureza exige o visível, o tangível, o manuseável, as trocas vivas entre homens: suas próprias realidades líquidas, vaporosas, ígneas (pois invadem todos os poros do existente) fundam as instâncias do real (o que é e o que não é real: o paradigma invisível, aquele que articulará por baixo todos os outros, não é teórico mas realmente ontológico: está na formatação daquilo que entendemos como realidade) e aquilo que se afasta da verdade, da justa medida, do valor.

A perspectiva (qualquer perspectiva, sejam as do “trabalho” sejam as do “capital”) que fala como se estivesse de fora, necessariamente, não é real ou verdadeira: por isso deve fazer um pagamento, o pagamento por sua perspectiva e pela incapacidade em tornar “coisa” a si mesmo e seu lugar: a diferença deve ser paga.

A inteligibilidade acontece porque se funda nas múltiplas cristalizações e devires do entre-nós. Sendo o entre-nós essencialmente monetário (o que não é esconde e esquece) a inteligibilidade e aquilo que é inteligível são constituídos pela “parte escondida” do entre-nós. Principalmente porque o conjunto da virtualidade funciona para não comprometer o próprio equilíbrio (a moeda garante esse equilíbrio e os possíveis desequilíbrios, paga qualquer trabalho, qualquer força de trabalho, qualquer dívida, qualquer compra; põe qualquer fluxo a fluir segundo sua medida e segundo sua tendência; cria materialidades e subjetividades; garante a existência; está em todas as dimensões da comunidade; sua existência conclui devires, esconde fluxos, garante ou destrói realidades; funda poderes, inicia o entre-nós, estabelece temporalidades; põe em cena todas as “forças disponíveis”: esse quadro disporá seu arsenal, seu poder, criando condições favoráveis e desfavoráveis que regerão grande parte das singularidades, idiosincrasias, gostos e tendências de indivíduos e grupos).

Com a transformação radical das sociedades ocidentais em sociedades financeiras, o *passado* (criação útil e real por muito tempo) começa a desaparecer, a ser empurrado para um lugar sem interferência. O imediato do presente exige correções advindas somente de si mesmo: essa tendência não é somente econômica, mas tem se tornado a lógica não dita ou a linguagem seja das mídias, das artes, dos conhecimentos ou dos sentidos comuns (cada vez mais não há um desdobramento vivo mas um funcionar como se esse desdobramento não existisse: o desdobramento já se tornou não-útil, não visível ou mecânico). A noção de memória se transforma numa noção mais complexa, incluindo o esquecimento como constitutivo e não mais como aquilo que a destruirá.

4 - Uma “Ciência da Literatura”, uma “Teoria da Literatura”, uma “análise do discurso literário”, tradicionalmente, esquecem completamente este “fundamento ontológico”, partindo quase sempre de um ponto escuro (um não dito, um não sabido, um não visto, um não aceito: vazios ideológicos que vêm somente “idéias políticas”, “teorias”, “discursos”, “linguagem”, “análises”: ideologias sobre ideologias, linguagem sobre linguagem, discurso sobre discursos), de um sistema de conhecimento que se basta por sua competência, por seu rigor, com uma linguagem de casta, uma lógica com raízes muito claras em obras, sistemas, obviedades estabelecidas: e a literatura vai ao largo, escapa de qualquer reflexão mais fundida à sua “matéria”.

5 - A Literatura é um quadro específico de poderes que flui com determinadas regras. Sua posição jamais é neutra, inocente, “literária” ou “poética”: ao se instaurar esconde sua posição (de onde jorra: o fundo escuro: a brecha) e o “quadro de força” que a produz, circula, reproduz e faz permanecer. Universalizada, mantida por outros diversos discursos que não se dizem, reelabora as mesmas regras que, para se concretizar, teve que seguir ou romper. Esse rompimento (tão comum nos séculos XIX e XX), na verdade, é uma refala (o mesmo dizendo-se diferente; a diferença na aparência se tornando diferença radical pelo ocultamento de onde se fala e quais quadros de força a sustentam: a Literatura é um esquecimento ideológico que se apresenta como discurso, literatura, poética: um discurso tornado Língua, Cultura: um discurso que não se vê como discurso: um Discurso contra os discursos).

O escritor, para ser escritor e fazer-literatura, deve se deixar determinar por regras anteriores, discursos de poderes que o caracterizarão. Dentro do jogo, ele pode, por ter aceito as regras, mudá-las (mas sempre segundo sua matéria, sua substância, suas leis, suas pulsações, suas permissões e proibições: sua economia): a mudança será, sempre, aceita depois porque, desde o princípio, já fazia parte da lógica geral dos quadros de força.

Não é uma voz qualquer nem uma posição qualquer de onde vem a Literatura. Também não é qualquer sistema de discursos que a suportam ou disseminam. Os discursos que a legitimam (na medida da sua escritura, da sua publicação, da sua distribuição, da difusão crítica e de onde partem) são os mesmos que criam e protegem e difundem a Religião, o Estado, a Indústria, o Comércio, a Língua, a Ciência, a Natureza, a História, a Gramática.

6 - As revoluções (sonho criado e acalentado pelas fragmentações heréticas de cristãos, burgueses e românticos: idéia tardia no mundo cristão e burguês e para se realizar exige condições ontológicas deste mesmo suporte cristão e burguês) só puderam ser pensadas ou feitas tendo como medida a "natureza", a "natureza social", a específica máquina de tecer o real, criando sempre um "real natural" reificado e reificador exatamente por se manter natural; exigindo, assim, depois de qualquer revolução, aparelhos que garantam a nova máquina de tecer o real, criando as novas "naturezas", os novos "naturais".

As "revoluções reais" e as "revoluções imaginárias", todas, esqueceram que eram projetos políticos, imaginários, hologramas nascendo de hologramas sociais específicos, carregando todos os possíveis esquecimentos e reproduções invertidas, e que esses esquecimentos é que davam e dão a impressão de diferença do mundo combatido.

A "natureza" binária do "nosso ser social" condiciona as "revoluções possíveis" (aquelas que são logicamente consequência do "processo sócio-histórico"): somente os mesmos (se dizendo os novos) seres-sociais, seres-biológicos, seres-econômicos exigindo Estado, Política, exército, Educação, Gramática, Ciências e gêneros: periculosidades em nome da Verdade, da Natureza, do Homem, da História, do Estado, da Raça: hologramas sempre mergulhados no pântano da exploração, no sofrimento da existência sem transcendência, no sangue coagulado de milhões de tolos, de vítimas, de um gado sempre num quase pasto invisível.

7 - Se as Revoluções são "impossibilidades reais" (sempre um 'gatilho' para reacionar entraves gerais dos sistemas, realizando, assim, a lógica e a força das lógicas do sistema), a Literatura não está fora desse controle: as "revoluções literárias" são apenas redizes invertidos do mesmo quadro de poderes (quadro de dizeres) ou do quadro de poderes que se constitui a partir do ainda vigente: o não aceito é somente o futuro vigente aparecendo.

No entanto as revoluções são possíveis: nos cabe torná-las realizáveis.

8 - A infidelidade dos escritores à literatura (a fama, o dinheiro, o mercado, as mídias, os jogos de poder, a inconsciências das lógicas em jogo, a má fé) têm levado a literatura a uma situação estranha: parece ter acabado, ter se esgotado (as muitas mortes da literatura): a repetição não como uma lógica para desvendar as lógicas do mercado mas a repetição como um oroboro. Nos moldes estritos do mercado e das modas é impossível criar literatura. Escrevem livros, não literatura: as modas desvendam somente aspectos da "literatura de massas", não da literatura. A fidelidade dos grandes escritores, sua atividade exclusivamente mágica, egoísta, sem fim, é a madeira e a chama inicial da literatura: o resto pode ser engolido pelo mercado e se transformar em mercadoria (o inescapável): a

literatura se fazendo sem as ilusões monetárias e mercadológicas (seguindo suas lógicas internas, grupais, tradicionais ou inovadoras) está feita e inicia sempre como se fosse de um caos instigante onde ainda e sempre falta tudo a ser dito.

9 - A literatura é uma espécie de insatisfeito desejo; está sempre por-vir; está sempre-além; sempre adiante; visando sempre um além-que-escapa: somente assim acumula a si mesma sem gozar, sem consumir, sem consumir-se, sem se entregar nessa entrega, mas acutilando, atacando, sonhando, imaginando um depois (sempre presente e para o imediato) que a justifica: a caça sempre futura da arte gestualiza sempre um agora.

10 - A verdadeira literatura transforma quem a deixou passar e quem a recebe (sempre porque a buscou, a pressentiu). Ela *fornece* uma linguagem, uma outra linguagem (tão instável quanto a fome que a impulsiona: linguagem que inicia no caos e se delicia somente no caos), um outro saber à futura caça-da, ao futuro (sempre imediato) viver. Uma linguagem que atinge exatamente no que nos falta, naquilo que em nós está crispado, enterrado, incompleto; aquilo que nos cega, nos cala, nos impede de ouvir os sonhos (desejando somente a caça "real"), os desejos em suas sutilezas, as palavras e os outros. Uma linguagem que abre as portas para os não-ditos, os não-formulados, os não-formuláveis, os não-conceituáveis, mas fundamentais ao continuar vivendo, ao continuar a aventura e a fome (sem se ter iniciado uma aventura a literatura é inútil: somente ao buscarmos algo, ao desejarmos sem gozar é que se abre o caminho: a carne da literatura não é para os dentes: exigindo outro movimento, linguagem, saberes, técnicas).

11 - A literatura é sempre singular: ela é feita somente para nós, para aquele leitor específico e sua aventura. É uma porta exclusiva. Cada leitor tem em suas mãos um livro para ele, diferente do mesmo livro para outros e diferente segundo suas aventuras.

12 - A diferença entre a História e a literatura é que a primeira resiste em saber que é essencialmente ficção, e a segunda se rejubila por ser simplesmente ficcional.

Não há na História um "narrar o que sucedeu" e na literatura "aquilo que poderia ter acontecido": a questão se dá por um esquecimento básico da História, o que a afasta da produção imediata da realidade e a aproxima dos discursos que a obstruem e a fundam por baixo enquanto fonte ideológica do próprio real. Sua criação de passados como "realidades acontecidas" comunga com as ilusões psicanalíticas que descrevem a interioridade, da Biologia que descreve os "seres vivos", da Física com seus "fenômenos naturais" ou as Ciências Humanas com seus paradigmas míopes.

13 - Não há literatura sem um pacto vital. Compreendendo que seu exercício corresponde à própria criação e manutenção do mundo, a literatura articula os pólos opostos (arte/vida) numa síntese contraditória porque esquece que não há pólos opostos. Essa oposição se dá somente com determinada arte compreendida como "produto", "determinada", "inspirada", "conseqüência": existe pólos opostos somente quando o circuito autor/leitor/critico acreditam que existe a história e a literatura e que a segunda provem daquela numa linearidade ou numa rede complexa, mas ainda numa idéia de articulação submissa ou de dependência lógica.

14 - Ao ser equivalente visível da práxis (deus, espírito, natureza, mitos, idéia, história, musas, realidade, inspiração, utopia, ética, espírito santo, trabalho) a literatura carrega não somente as multiplicidades, mas as alienações fundamentais do existir: a literatura não aparece para as Ciências da Literatura porque seus

olhos estão normalmente voltados para o real, um lugar vazio: lugar das ficções que garantem ao real ser considerado e vivido como real: esse lugar também se tornou o lugar da literatura: a sedução do real enquanto visibilidade etnográfica, jornalística, historiográfica, nacional.

15 - A literatura é o que plasma a origem invisível reificada, a surpresa banalizada pelo costume, fazendo-a saltar: os fantasmas da práxis. Nesse efeito fantasmagórico da práxis é onde radica a literatura (para o bem e para o mal): seus fantasmas são os mesmos da práxis: sua força e seu movimento.

16 - A literatura ao expandir a imaginação, a percepção, a cognição, o olhar, o pensamento, as relações espaciais e temporais; ao ampliar o sonho, o desejo, a ambição, a sensibilidade – torna diferente a relação entre o indivíduo e o mundo.

17 - A literatura é um *jogo* onde é encenado (as fomes, os sonhos, as ansiedades, os desejos, os medos, as esperanças) o futuro com as formas e as matérias do passado.

O *presente* como desdobramento vivo de *passados* e *futuros* já não é visto: um tipo de *imediato* se sobrepõe ao desdobramento, apagando seus devires. Resta somente a aparência e o espetáculo: a literatura reduzida ao rótulo (com uma mercadoria dentro).

18 - O que se canta, o que se fala, o que se dança, o que se esculpe, o que se escreve na caverna (grotta) buscando o futuro (encontrando sempre o presente) é a “alma do povo”, a alma dos sofrimentos, das fomes, dos trabalhos e humilhações, não especificidades que já são sabidas e em nada contribuem para as articulações mágicas entre os desdobramentos temporais. As pressões vivas do imediato (a carne viva, a ferida que clama se fechar) recordam a carne do passado e a esperança de carne no futuro (u-topos: o não-lugar como um dos lugares da literatura). As tecnologias, os nomes, as temporalidades, as relações de grupos e classes, as palavras do poder, não fazem parte deste “canto” não somente porque o afastaria do centro da questão, mas porque não fazem parte dele, são elementos de dissolução, não de consciência, de corpo, de magia.

19 - O tempo da literatura deve ser o *presente*, não o imediato do presente, mas o presente contra o imediato (para o imediato). A literatura se faz ao mesmo tempo do sendo-feito do imediato, sem se reduzir a ele (mercadoria).

20 - Fotografar, radiografar, informatizar o real não o desventra: o real, ficcional que é, precisa ser exagerado, reunido em seu *grotesco*, em seu caricato (reunindo traços, sendo sem ser), em seu monstruoso, em seu humor, em seu sem graça, para revelar-se: sem essa reunião alegórica (modelo literário das ficções do real) cairemos nas ilusões do real, nas suas banais armadilhas, no seu sistema de crenças, nos seus artifícios de proteção.

21 - A literatura é uma “operação simbólica”: nela o *real*, arsenal ficcional básico, aparece sem a “sensação” de que o real não é ficcional, simbólico, lingüístico: a literatura é o real: um “modelo” do real sem a ilusão do real (ilusão que o impede de se aglutinar, o que a literatura realiza; e de se mostrar enquanto “atividade social”). A literatura não imita o real, mas funde os ingredientes em fusão (ficções básicas do real) na mesma medida do real: os dois se fazem da mesma maneira. A literatura, dessa maneira, alcança o centro do real sem precisar imitar, sem papaguear sua aparência, sem precisar ser folclórico, regional, nacional ou

ceder aos gostos e ditames internacionais: essas aparências literalizadas fazem parte das ilusões básicas do real e não das operações que buscam desvendá-lo: essas ilusões devem aparecer no seu lugar, o que a literatura faz, e o seu lugar é dentro e não por fora.

22 - A clivagem (a obra) é, antes de tudo, uma clivagem na virtualidade: o holograma da obra é o resultado de uma profunda "operação alquímica" no real. A práxis literária é similar à práxis geradora do real (programa social vivo).

23 - A história enquanto real é a virtualidade ficcional da ocidentalidade; enquanto disciplina (História) é escritura alienada da própria escritura (acredita e faz acreditar na sua realidade acontecida escondendo suas operações ficcionais: ideologia) e da natureza do se objeto-de-estudo: somente assim pode se exercer enquanto ideologia.

24 - A educação do escritor se faz essencialmente através da literatura: é ela quem o educa: quem o transforma, quem o perverte, quem alimenta sua vida, quem mantém a esperança, quem sustém a morte. A literatura se faz através dele porque sua convivência e sua prática poética, existencial, constituiu seu ser enquanto passagem, enquanto aquele que ouve a miséria presente, pressente o canto futuro (a "aguda antecipação" de Jakobson).

A literatura se faz, se aprende, se ensina em movimento: experiências em devires. Essa educação é, antes de tudo, a educação da "imaginação poética": sem essa imaginação não há autor, leitor ou obra: ela é a mesma que mantém o programa do real funcionando e visível.

25 - A literatura é similar à substância profunda do viver humano e à sua atividade criadora. Por isso a literatura não é um problema teórico, mas existencial. Ao não criar somente um "objeto" para um sujeito, mas um sujeito para esse "objeto", cria um "objeto" que na verdade é um sujeito, e esse estranho sujeito não nos põe a fluir, multiplicando nossos devires e nos posicionando no lugar onde tudo é linguagem, sem a armadilha do mundo em-si: da perspectiva aberta pela literatura o real toma sua dimensão.

26 - Como é um jogo sem conclusão a literatura só pode ser jogada e só existe enquanto é jogada.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

*não sabe o corvo o medo do espantalho
crucificado à-toa na plantação vazia*

*não sabe a noite o frio do vaga-lume
sob a luz coruja que a sua silênciã*

*não sabe a pele a solidão da faca
no branco vermelho do grito nave*

*não sabe o tempo o tempo de ir embora
como quem flutua nada suave*

CARLOS MOREIRA